



Homo aposentado: a emergência do novo velho

Retired home: a contingency plan for a new old man

Maria Clea MARINHO¹
Ruy WANDERLEY²
Fernanda ANDRADE³

Resumo: O neologismo do título suscita o inevitável: envelhecimento e aposentadoria são ocorrências intimamente correlacionadas, uma díade ainda pouco estudada pela psicanálise. Este fenômeno social sofre, no Brasil, influência socioeconômica, produzindo rebatimentos importantes na economia psíquica do indivíduo nesta etapa de vida. A entrada nesse contexto marca o psiquismo significativamente, afirma Peixoto (2004). Portanto, a aposentadoria é um momento de mudanças nos aspectos sociais e emocionais: o fator tempo e a sensação de maior proximidade da morte, a falta do reconhecimento social, o esvaziamento da rotina, a mudança brusca de hábitos; mas também pode ser uma época de realizações, ressignificações, trabalho e prazer. Coletou-se depoimentos de três homens e três mulheres, todos aposentados, faixa etária entre 61 e 72 anos, através de entrevista semiestruturada, permitindo uma análise qualitativa de aspectos psicológicos dessa temática. Observou-se, como resultado, um aproveitamento positivo da aposentadoria e uma vivência mais harmoniosa nos que tiveram um entendimento antecipado e aprofundado do que seria aposentar-se, além de planejamento elaborado, somado à persistência deste ideal. Em contrapartida, o desconhecimento sobre o assunto, a impotência econômica e as doenças surgem como fatores negativos que configuram uma experiência difícil na aposentadoria. Ademais, perceberam-se, na primeira situação, as evidentes expressões psíquicas de sujeitos ainda desejantes, com ideais singulares, não obstante a maior proximidade da morte. Sem dúvida, um fenômeno que exige uma reorganização psíquica e, portanto, a necessidade de melhor compreendê-lo.

Palavras-chave: Envelhecimento. Aposentadoria. Psicanálise.

Abstract: The neologism of the title raises the inevitable questioning: aging and retirement events are intimately related to a dyad which hasn't been explored in psychoanalysis yet. This social phenomenon is suffering from socio-economic influence in Brazil, producing important aftermaths in the psychological economy of the individual at this stage of life. In the light of this context marks the psyche of the individual significantly, says Peixoto (2004). So, retirement is a time of changes in social and emotional aspects: the time factor and the feeling of closeness of death, lack of social recognition, the emptying of routine, the sudden change of habits, but can also be a time of achievements, reframes, work and pleasure. Testimonies were collected from three men and three women, all retirees, aged between 61 and 72 through semi-structured interview allowing a qualitative analysis of the psychological aspects of this theme. It was found there are advantages of retirement for a harmonic life style in those who had an early understanding of what would retiring be about besides elaborating a plan with persistence. In contrast, the ignorance of the subject matter, the economic impotence and diseases appear as negative factors that shape a difficult experience in dealing with retirement. Therefore, to realize the obvious psychological expressions concerns of individuals who still have ideals and dreams, despite the proximity of death. With no doubt, this is a phenomenon

¹ Aluna do 4º período do curso de Psicologia da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. Disciplina Desenvolvimento Psicológico III: Adulter e Velhice. E-mail: clea.marinho@hotmail.com

² Aluno do 4º período do curso de Psicologia da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. Disciplina Desenvolvimento Psicológico III: Adulter e Velhice. E-mail: ruywk@yahoo.com.br

³ Doutora em Psicologia Cognitiva, Professora da disciplina Desenvolvimento Psicológico III: Adulter e Velhice na Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. E-mail: fernandawandrade@gmail.com

that requires psychological preparation, therefore the need for greater understanding of the subject matter.

Keywords: Aging. Retirement. Psychoanalysis.

Introdução

No trânsito do indivíduo humano pela vida há diversas fases que o caracterizam, cada uma delas com especificidades próprias. Considera-se a etapa final desse percurso, caso a vida não seja interrompida abrupta e precocemente, como sendo a velhice.

Nesta fase há, dentre alguns, um fator marcante para o indivíduo: a aposentadoria. A chegada dessa ocorrência é mais uma experiência complexa na vivência psíquica; o significado que se dá a esse fato, aliado a uma adequação de planejamento para isso, são fatores decisivos para o sucesso ou dificuldades na vivência desse evento. Vale ressaltar que os conhecimentos desenvolvidos para a compreensão da economia psíquica do sujeito que inscreve sua entrada nessa categoria – aposentado –, especificamente pela abordagem psicanalítica, ainda são escassos em nosso país.

Diversos elementos incidem no cenário psicológico do aposentado, dentre eles destacamos alguns, como a preocupação com o aspecto financeiro, a manutenção da condição de sujeito desejante, a contração do tempo, o enfrentamento dos estigmas e a continuidade da capacidade produtiva e criativa, desenvolvida, sobretudo, através da atividade laboral.

Peixoto (2004), sobre os aposentados, fala de duas possibilidades bem distintas no ambiente nacional: a) aqueles idosos que se deparam com a necessidade de continuar trabalhando, sem ter escolha por causa do imperativo financeiro; b) os que continuam trabalhando por outros fatores que não, prioritariamente, o financeiro, tais como: reconhecimento social, preenchimento do tempo livre, exercício da socialização, etc. Muitos destes, principalmente os últimos, sem quase alteração de rotina, apesar da nova etapa em que adentraram, inclusive ocorrendo até mudança de profissão, dedicam-se a um sonho, até então impossível de se realizar. Relevante consideração que implica um sujeito ainda desejante e ativo, em contradição com as posições superficiais tomadas como verdade na análise do idoso, em particular o idoso aposentado, que o consideram como inativo e incapaz de desejar.

Neste instante, explorando alguns elementos que incidem no cenário psicológico do aposentado, que foram referidos acima, avaliamos importante para o entendimento dessa temática o fator “tempo”. Ele é fundante de uma série de processos psicológicos nos sujeitos participantes dessa etapa da vida, podendo desenvolver, nestes, sentimentos e comportamentos até então não experimentados, ou, ao menos, não na intensidade que ora passam a ter, como é

o caso de perceberem a morte com maior proximidade ou de planejarem projetos de vida levando sempre em conta esse parâmetro. Goldfarb (1998, p. 67) expressa essa ideia: “A experiência temporal é própria do ser humano, já que ele é o único ser vivo a se reconhecer finito e a organizar sua vida em torno dessa realidade”.

Além disso, é evidente a constatação de inúmeros estigmas que a sociedade elege por eliciá-los como desviantes de um padrão adotado como dominante. Torna-se interessante essa observação ao relacioná-la com os idosos aposentados, porquanto se estima que, no Brasil, o idoso já ocupa uma faixa etária de destaque, se não predominante, a caminho disto. Os dados demográficos divulgados pela Organização Mundial de Saúde, em 1992, indicavam que, para o ano de 2025, no nosso país, o número de idosos passaria para 31 milhões, tornando-se o 6º país do mundo em termos de maior população idosa (EIZIRIK, CANDIAGO e KNISNIK, 2001). Portanto, os idosos se constituirão na maior parcela populacional, o que os tornará o padrão de referência para a sociedade como um todo, em um futuro bem próximo.

Por sua vez, o trabalho é um dos mais significantes valores para o indivíduo, visto que, através desta atividade humana, é possível desenvolver o potencial produtivo e criativo. Segundo Silva Filho:

A relação com o trabalho merece algumas considerações, pois todos somos trabalhadores e, para um trabalhador, o trabalho não vale apenas pelo que representa como meio de sobrevivência; ele possui também, e sobretudo, o valor de assegurar ao sujeito a qualidade do que o torna humano, como os outros homens. O trabalho é entendido como acontecimento social, construtor de identidade – tudo aquilo que o sujeito sente, interpreta e enuncia como sendo *Eu*, em oposição ao experimentado como *não Eu* (*apud* AMENDOEIRA, 2003, p. 960).

Refletindo sobre o significado do trabalho para a economia psíquica do ser humano, em seu artigo intitulado “*Mal-estar na Civilização*”, Freud (1930) assinala que as atividades intelectuais, científicas e artísticas podem desempenhar um papel sublimatório. Entende-se por pulsão sublimada quando esta é derivada para um novo objetivo não sexual e visa objetos socialmente valorizados (LAPLANCHE e PONTALIS, 1995).

Portanto, a partir do que foi exposto acima, propomos, a seguir, analisar essas variantes que envolvem o idoso aposentado e relacionar algumas reflexões que consideramos importantes.

O estigma e a exclusão social

O já conhecido estigma da velhice, que o senso comum categoriza pelas vias das mais diversas expressões culturais, retratando o velho como alguém que está acabado e decrépito, agrava-se ainda mais ao entrar no palco da vida do idoso o personagem aposentadoria.

Goldfarb (1998), em relação ao envelhecimento, apresenta um fato em que essa prática estigmatizante se evidencia. É o uso de eufemismos e toda uma gama de terminologias que emprestam um significado suavizante para nomear a palavra que qualifica a velhice: velho. Esse substantivo é trocado por palavras, e até frases, que soam aparentemente como respeitadas, como se fosse possível dignificar, conferir respeito ao indivíduo apenas com palavras, em substituição às ações efetivas e correspondentes a esses termos. Assim, verificamos nas escutas cotidianas o uso de expressões como “aquele jovem da terceira idade”, “aquela senhora da melhor idade”, “os mais experientes”, entre outras.

A autora assinala que a velhice, nesse sentido, parece ter algo com o diabo, não podendo ser nomeada sem provocar medo. E com essa preocupação de linguagem, que espelha um estigma, a velhice é comparada a um “buraco negro”, em que qualquer interpretação e qualquer representação pode ser possível, prevalecendo, assim, a ignorância sobre o que ela realmente pode representar, seu real conteúdo.

Entretanto, não obstante essa reflexão, achamos coerente um aprofundamento sobre essa prática eufemista pós-moderna. O que acham os velhos a respeito do uso desses clichês? Gostam ou não? Não temos subsídios, no momento, para responder tal questão. Todavia, observamos uma oportunidade para investigações nesse sentido, o que, dependendo do resultado encontrado, corrobora com a ideia citada ou nos faz reconsiderá-la.

Não apenas isso. Valter Duarte, em seu artigo “*Morte Social*” (2004), traz o exemplo de um senhor de uns 70 anos que se queixa de ter quase sido atropelado por um ciclista descuidado em uma calçada pública. Aqueles que passavam pelo local o desprezaram por completo, sequer alguém parou para ouvi-lo. É provável que o sentimento de solidão tenha ganhado dimensão grave para aquele sujeito, o que, segundo o autor, explicita o problema de invisibilidade e exclusão social.

Assim também é o caso da senhora F.C., 68 anos, participante de um grupo de estudos que debatia sobre a influência da informática na sociedade atual, juntamente com mais quatro jovens de faixa etária de 22 anos, dois na casa dos 30, um homem de 45 anos e uma mulher de 36 anos. Num dado momento, F.C. emite uma opinião bastante pertinente à discussão e

cientificamente fundamentada. Três dos componentes imediatamente a interpelaram e descartaram pejorativamente a argumentação feita por ela, acrescentando o seguinte comentário: “vó, esse assunto não é coisa para coroa, a senhora que já é aposentada, devia ir para casa assistir a novela.”

Isso reflete a cultura da sociedade brasileira, que vê no velho, mais ainda, no velho aposentado, um objeto descartável, não merecedor de atenção. Esse fato pode ter base entendendo-se que a sociedade pós-moderna tem o caráter de um individualismo exacerbado, na qual as pessoas dificilmente se preocupam com algo além de si mesmas e, no caso dos velhos, segundo a lógica do descartê, esse fenômeno sofre um incremento destacado.

Entretanto, embora esses fatos, que Goldfarb (1998) afirma serem recorrentes, observa-se empiricamente certa alteração desse quadro nos dias atuais. A inclusão na mídia de publicidade voltada para essa faixa etária, estimulando o consumo, e o trabalho da indústria farmacêutica e da cosmética, entre outros indicativos, sugerem uma atenção maior com os idosos, permitindo-nos categorizar esse fenômeno como sendo de inserção desses sujeitos no mercado de consumo, embora incipiente, mas abrindo uma perspectiva de considerá-los sujeitos potencialmente consumistas. Decorre disso a criação de uma indústria e respectivos objetos de consumo consoantes com esse grupo, lançando o idoso para novas possibilidades de se viver a vida nesta etapa de vida.

É um fator a se considerar, essa atenção, entretanto, deve-se entender que, mesmo assim, isso sinaliza a continuidade de um modelo onde se deposita no indivíduo um sentido de objeto e não de um ser psiquicamente em construção permanente e necessitado de significação afetiva e respeito.

Assim, podemos relacionar a estigmatização da velhice à aposentadoria e à exclusão social na vida do indivíduo. Se na velhice há esse pano de fachada – os eufemismos para minimizar um desconforto social na lide com os velhos mais a exclusão social – o fator aposentadoria potencializa esse cenário, adornando-o com uma carga extra de adereços normalmente pejorativos, conforme exemplo presenciado na praia de Boa Viagem, cidade do Recife, onde um vendedor ambulante bradava: “aposentado é vida boa, só sombra, ar e água fresca”, em alusão a alguns idosos que estavam nas cadeiras tomando sol e conversando. É a ideia comum de que aposentadoria, apesar de toda a carga negativa, é sinônimo de vida boa e tranquila, de ócio.

Na cena citada acima, verificamos um evidente paradoxo. Um dos vendedores era um senhor que aparentava uma idade aproximada de 65 anos. Criticava, ironicamente, aquilo que ele mesmo vivenciava. É a exclusão social voltando-se contra as próprias pessoas que ajudam a desenvolvê-la e mantê-la. Tal fato nos permite fazer uma inferência sob o olhar psicanalítico, assinalando

a utilização de mecanismo de defesa, em que o sujeito projeta no outro aquilo mesmo que nega e repudia em si.

O conhecido cenário do “velho velho”

Diante de tantos fatos expressivos, uma pergunta de caráter metafórico pode ser levantada para uma reflexão não menos singular: há vida após a aposentadoria?

A questão é complexa, sem dúvida, e permite a reflexão sobre diversos fatores que contribuem para responder adequadamente a tal inquietação. Entre eles, observa-se relatos de que há uma expectativa de vazio em relação a um possível sentimento de inutilidade gerado pela paralisação das atividades de trabalho, em que se verifica expressões do tipo: “não me pedirão mais opiniões” e “eu deixarei de ser reconhecido”. Isso pode ser confirmado como sendo a “morte social”, abordada por Valter Duarte, em seu artigo de mesmo nome (2004), já citado acima. Diz ele que a essência desse problema está na montagem de um sistema social individualizante e excludente que, da mesma forma em que insere o sujeito como ser social quando este nasce, retira dele tal condição após a aposentadoria.

Esses são apenas alguns exemplos das manifestações do sujeito que se vê diante da perspectiva de uma experiência nova que chegará um dia. Sugerimos quatro principais condições verificadas nesse panorama: 1) baixa autoestima; 2) postura normalmente passiva, fazendo com que o sujeito fique aguardando, como que por uma mágica qualquer, a futura boa aposentadoria; 3) sofrimento causado pela impotência financeira, que é um impeditivo para a mobilização na hierarquia socioeconômica, contribuindo assim para um engessamento do indivíduo; 4) baixo nível de escolaridade, aliado às diminutas aquisições culturais, que faz com que haja uma dificuldade em refletir sobre esse processo que vivencia. Todas essas condições são contributivas para que o sujeito esteja despreparado para o ingresso na vida de aposentadoria, o que pode lhe trazer muita angústia e bastante sofrimento.

No período de trabalho ativo durante a vida, caracterizado pela atividade profissional contínua, especialmente na fase da juventude e adultez, a preocupação com a aposentadoria e seus efeitos parece ser algo muito distante, quase impossível de se visualizar, tal é, para muitos, a natural sensação de onipotência e eternidade naquelas fases. Goldfarb (2002, p. 108) ilustra bem esse pensamento: “O tempo do envelhecimento está ligado à consciência da finitude, que se instaura a partir de diferentes experiências de proximidade com a morte durante a vida toda, mas que na velhice adquire a dimensão do iniludível”.

Por outro lado, ao chegar o momento de definição da aposentadoria, a sensação do atraso na preparação irrompe no psiquismo e causa manifestações emocionais, físicas, sociais, de variadas formas e expressões. São depressões, afecções orgânicas, síndromes, abatimentos, entre outros sintomas que, se pode dizer, estão atrelados ao processo da aposentadoria.

Quando a gente é jovem, ou até adulto, acha que a velhice é uma coisa muito, muito distante, e a gente tem a impressão que nada vai abalar a gente; então a gente não pensa em se preparar para a aposentadoria. Aí quando chega a hora, a gente acha que é tarde demais e se entrega. Se pudesse começava de novo, de outro jeito.

O depoimento acima, coletado na entrevista com a senhora A.S., 64 anos, aponta para a imensa dificuldade de reorganização emocional diante da realidade antes desprezada.

Talvez encontremos nessa ausência, no pouco investimento na delineação de uma velhice planejada, uma parcela das respostas a essa problemática. Mas, é verdade também que esse velho - caracterizado agora como o estigmatizado “ranzinza”, aquele que se alija das atividades ainda possíveis de realizar, aquele que não lida adequadamente com sua condição desejante, que se faz excessivamente passivo às cargas de pulção de morte - provavelmente já apresentasse um histórico, um perfil de personalidade dessa natureza durante as outras fases temporais de sua vida, o que nos possibilita usar o termo o “velho velho”.

A emergência do “velho novo”

Paradoxalmente a isso, percebe-se aqueles que encontram na aposentadoria um oásis diante da aridez que foram as outras etapas antecessoras à velhice e à aposentadoria. São os que encontram ainda, apesar das limitações do corpo, do natural limite que o equipamento orgânico impõe, forças para continuar trabalhando, seja por necessidade financeira, por reconhecimento familiar e social, seja mesmo por prazer e aproveitamento útil do tempo em benefício de realizações íntimas.

Esse é o caso de M. A., militar reformado. Encontrou na docência uma nova fonte de realização pessoal. O necessário reconhecimento social, gerador de satisfação, advém para ele dessa continuidade do trabalhar. Essa nova situação, em que havia conquistado equilíbrio financeiro para a família, permitiu-lhe realizar um sonho, algo prazeroso. Ao perguntar-lhe a sensação de continuar na ativa profissionalmente ele diz:

Eu consigo me sentir jovem, bem, apesar dos cabelos brancos e da rugas que teimam em querer me assustar. Assim, vou feliz e comprometido com meu trabalho, onde tenho oportunidade de transmitir conhecimentos, valores e trocar experiências. Sem isso, me sentiria um inútil.

Vê-se neste exemplo a vivência de quem se preparou para uma aposentadoria produtiva e prazerosa através da continuidade do trabalho. Como já foi dito antes, Freud (1930) assinala que o trabalho é fonte de contato social, é construtor de uma identidade, além de desempenhar um papel de sublimação e ser meio atenuante dos sofrimentos oriundos do trabalho psíquico do luto, tão presente nessa fase, em decorrência das diversas experiências de perdas, de natureza física, psíquica e social.

Há também aqueles que, embora não tenham se preparado adequadamente, mas fazendo algumas alterações, encontram na aposentadoria oportunidade para rever determinados conceitos e promover, assim, uma ressignificação da vida, realizando coisas até então impensadas, que acreditavam impossíveis. O exemplo é do senhor J.M.S., que aos 71 anos trabalha como voluntário em uma creche de Jaboatão dos Guararapes, cidade da grande Recife:

Foi a melhor coisa que já fiz depois da minha família, ajudar as crianças dos outros. Amar nossa família é mais fácil, é do sangue, mas amar a quem não conhecemos é um aprendizado feliz. Minha esposa, lá num cantinho do céu, deve estar orgulhosa de mim. Compenso essa saudade com esse trabalho.

Sem dúvida, um depoimento de atualização afetiva, propício para as análises psicanalíticas, que poderão ser realizadas em contexto mais apropriado.

São mobilizações dessa natureza que nos permitem conceituar esses sujeitos como sendo os “velhos novos”, que, diante de situações adversas, conseguem se sustentar psiquicamente, lançando mão de novos arranjos identificatórios.

Considerações finais

Diante do que foi exposto acima, é possível responder a pergunta feita anteriormente: Há, sim, vida após a aposentadoria! Entretanto, cabe aqui outra indagação: Vida, esta, de que qualidade?

Os relatos colhidos, embora quantitativamente reduzidos, sugerem um aproveitamento muito positivo da aposentadoria e uma vivência mais

harmoniosa e rica de produção, com favorável estabilidade psíquica, nos que tiveram um entendimento mais aprofundado do que seria aposentar-se, principalmente quando tiveram essa compreensão com boa antecedência a essa fase. Nestes indivíduos também foi significativo um planejamento bem elaborado para isso, somado à disciplina na manutenção deste ideal e, especialmente se ao longo da vida mantiveram uma boa autoestima, um estado de ânimo positivo, conseguindo superar sem apatia os desafios numerosos do processo do existir, lidando com as exigências psíquicas de forma equilibrada.

Em contrapartida, o desconhecimento sobre o assunto, a impotência financeira e os traços de personalidade que formam um sujeito de baixa vitalidade, mais vulnerável às pressões psíquicas desestabilizadoras, surgem como fatores negativos que configuram uma experiência difícil na fase última da vida, a velhice.

E, é diante dessas considerações que lembramos a poesia de Kiko Zambianchi na música Primeiros Erros:

(...) Meu caminho é cada manhã, não procure saber onde vou, meu destino não é de ninguém, eu não deixo os meus passos no chão. (...) Se um dia eu pudesse ver meu passado inteiro, e fizesse parar de chover nos primeiros erros. O meu corpo viraria sol, minha mente viraria sol, mas só chove, chove, chove (...).

Ao refletir sobre a construção do caminho subjetivo do indivíduo, é emblemática a fala do poeta. O sentimento que se percebe dá a sensação de mau aproveitamento do tempo, a significação desse próprio tempo pelo sucesso obtido ou pelo sofrimento vivido, o arrependimento diante da evidência do desperdício ou da ignorância. Muitas vezes, estes são elementos que abatem, angustiam e paralisam o indivíduo.

Entretanto, há de se considerar a visão psicanalítica sobre a variante temporal. A atemporalidade marca a lógica do funcionamento do inconsciente, admitindo, portanto, a repetição, rememoração e elaboração de eventos passados, o que nos serve para trabalhar conceitos não lineares sobre esse parâmetro na fase da velhice. Freud (1937), em seu artigo *Análise terminável e interminável*, fala de uma “história retroativa”, em que o passado, a partir do presente, atualiza-se através de uma repetição sob nova aparência, podendo ser constantemente ressignificado.

Os passos dados, e os não dados, eles ficam inscritos no psiquismo, sempre sinalizando a rota escolhida ou a que ficou despercebida, convidando o sujeito a um reencontro com suas estradas, uma introjeção de novas relações objetais, favorecendo a uma reconciliação consigo mesmo, com sua mente “sol”, a usina capaz de produzir a energia vital para uma vida feliz.

A psicanálise certamente pode contribuir na ressignificação de uma matriz psíquica vulnerável, frágil, do ponto de vista do fato novo, embora prenunciado, da aposentadoria, para aqueles que se permitam continuar novos, no sentido de capazes e desejantes, realizadores, trabalhadores de seus próprios processos psíquicos, mantendo-os sadios, não obstante a velhice. Mais ainda, que esta experiência possa lhe servir também de prazer.

Referências

AMENDOEIRA, Maria Cristina Reis. Vicissitudes da psicanálise em idosos. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 37, n. 2/3, p. 959-971, 2003.

DUARTE, Valter. Morte Social. In: LEMOS, Maria Toribio B.; ZABAGLIA, Rosângela Alcântara (Orgs.). **A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade e estatuto do idoso**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

EIZIRIK, Cláudio Laks; CANDIAGO, Rafael Henriques; KNIJNIK, Daniela Zippin. A velhice. In: KAPCZINSKI, Flávio; FASSOLS, Margareth Siqueira (Orgs.). **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREUD, Sigmund (1937). Análise terminável e interminável. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1930). Mal estar na civilização. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GOLDFARB, Délia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Papai não trabalha mais: o valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

Recebido em: 30/08/2011

Aprovado em: 20/09/2011

Para referenciar este texto:

MARINHO, Maria Clea; WANDERLEY, Ruy; ANDRADE, Fernanda. Homo aposentadus: a emergência do novo velho. **Lumen**, Recife, v.20, n.2, p. 79-88, jul/dez. 2011.